

# Meu caro Guilhermino... – ANÁLISE DE DUAS CARTAS de Murilo Mendes para Guilhermino Cesar

Lúcia Sá Rebello\*

Luciano Rodolfo\*\*

*Virar a vida pelo avesso*  
*A fábula com suas raízes*  
*Mergulha na esfera branca.*  
*Passado presente futuro*  
*Tiro alimento de tudo.*  
[...].

**Memória.** Murilo Mendes

## 1 DE CARTAS E CARTAS

Há uma tendência grande de nomear genericamente os vários tipos de documentos de ordem epistolar sob um rótulo único e simples. De uma maneira geral, chama-se carta toda aquela narração em primeira pessoa dirigida a interlocutor(es) específico(s) e que trata tanto de assuntos de ordem privada quanto de generalidades do cotidiano. Não obstante saibamos que o termo comum indica somente uma primeira noção do tipo de escritura com o qual se vai tomar contato, e que revela também uma série de características muito peculiares a esses tipos de textos antes mesmo da sua leitura propriamente dita, há uma nomenclatura que delimita e circunscribe cada tipo de carta em um rol específico.

\* Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFRGS. Professora de Literatura Comparada do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

Se a forma indica certa similitude entre os vários tipos de escrita epistolar – já que os mesmos obedecem a uma espécie de protocolo estrutural comum – no que tange ao teor, isto é, ao conteúdo das cartas há, basicamente, uma divisão que separa em dois grandes grupos os vários tipos de documentos de ordem epistolar, e que não deve ser negligenciada.

À primeira vista, podemos dividir os vários tipos de missivas nomeando-os da seguinte forma: de um lado as *cartas privadas* e de outro as *cartas públicas*. As primeiras, endereçadas a um interlocutor específico e particular, tratam, por exemplo, de assuntos que podem variar da amizade sincera ao amor exacerbado, passando pelos desejos e vontades sexuais explícitas; já as cartas públicas são destinadas à coletividade ou a vários destinatários e cujos temas perpassam a religião, a filosofia, a política, etc.

Especificamente sobre a correspondência privada, objeto central deste estudo, veja-se o que diz Ângela de Castro Gomes (2004):

[...] a correspondência privada é, com frequência, um espaço que acumula temas e informações, sem ordenação, sem finalização, sem hierarquização. Um espaço que estabelece uma narrativa plena de imagens e movimentos – exteriores e interiores –, dinâmica e inconclusa como cenas de um filme ou de uma peça de teatro. Um tipo de discurso multifacetado, com temas desordenados, que podem ou não ser retomados e desenvolvidos, deixando às vezes bem claro até onde se diz alguma coisa. (GOMES, 2004, p. 21)

Kiefer salienta a relevância desse tipo de divisão, por assim dizer, organizacional dentro do epistolar e observa ainda que alguns tipos de cartas públicas podem transcender a seara da comunicação e invadir o terreno da estética, fato que distinguiria, sobremaneira, os dois grandes grupos. Para o autor

[...] ainda que semelhantes enquanto forma, as cartas distinguem-se no que respeita ao conteúdo. Uma tipologia do gênero deveria levar em consideração, no mínimo, duas grandes espécies: as *cartas privadas* e as *cartas públicas*, as que se destinam a um único leitor, e as outras, endereçadas a vários ou à sociedade inteira. (KIEFER, 1994, p. 68)

Um fato que nos parece relevante e que dilata, corrobora e amplifica a divisão tipológica proposta por Kiefer e que acentua a necessidade de uma primeira separação das cartas para uma análise mais produtiva do material é o que diz respeito ao discurso propriamente dito, isto é, à completude das cartas públicas ou à incompletude das cartas privadas. Se por um lado as primeiras vaticinam, doutrinam ou ainda comunicam um tipo de mensagem que pode, por exemplo, ser de ordem messiânica e são dirigidas geralmente a uma gama enorme de interlocutores, percebemos que tais documentos são dotados de uma independência e de uma unicidade discursiva que não exige a resposta de outrem, não há a necessidade da contrapartida para sua efetiva totalidade textual.

Por sua vez as cartas privadas são essencialmente dependentes e só se perfazem quando as duas partes da correspondência estão à disposição para pesquisa. Essa dependência discursiva parece ter sido muito bem observada por célebres figuras da cultura brasileira e, aliás, foi usada como uma espécie de resguardo ao olhar alheio, indiscreto e imediato, disposto a perscrutar a intimidade pessoal em suas múltiplas possibilidades.

Mário de Andrade, por exemplo, legou seu espólio epistolar à Academia Paulista de Letras e determinou somente o exame póstumo do material, isto é, cinquenta anos após sua morte. É claro que Mário tinha uma noção exata da importância e da riqueza imensa de suas cartas, haja vista todo o seu apego e sua dependência na produção constante e inclusive massiva de missivas aos seus amigos. O autor de *Macunaíma* sabia que o material continha informações de suma importância não somente sobre sua vida, suas convicções e suas opiniões, mas também sobre as personagens e o cenário que compunham o todo de seu teatro epistolar. Cômico da multiplicidade informacional e da profundidade analítica constante no epistolar, Mário de Andrade não media esforços para manter ativa uma grande rede de interlocutores com os quais mantinha um debate profícuo acerca dos mais variados assuntos. Entretanto, a despeito de um nítido relevo discursivo particular, o “missivista contumaz” fazia questão de teorizar, polemizar e filosofar nos limites da carta, por exemplo, sobre o “abrasileiramento

do brasileiro”, sobre a língua e também sobre os limites e as possibilidades do próprio epistolar.

Por todos esses movimentos, contrariando a natureza imediata e particular do gênero epistolar, a atitude (in)consciente do escritor paulista deixa entrever um desejo de transcender a comunicação com um único interlocutor. Santos observa a tendência da correspondência de Mário visar ao coletivo e ao futuro e, assim, lembra que, “em toda a trajetória da correspondência marioandradina, existe o empenho em aprofundar e fecundar um legado às gerações futuras” (Santos, 1998, p. 293).

Mário tinha o dom de dilacerar as bases do epistolar que, às vezes, o fazem documento de mera comunicação trivial entre os indivíduos. O autor de *Macunaíma* explorava todas as possibilidades discursivas que uma carta pode ter, usando-a como espaço de experiência, sublimação e transcendência. Dessa forma, convertia sua força espiritual mais profunda na busca do discurso vivo que visava ao alento, ao entusiasmo e à energia, sem fechar, contudo, as portas ao debate loquaz sobre a tragicidade da vida.

Santos, ao estabelecer uma série de diferenças entre o epistolar e a memória autobiográfica, revela os porquês da quase dependência física a qual Mário estava submetido em relação à produção de suas cartas. A autora mostra ainda, segundo as próprias considerações do escritor paulista, a maior proximidade e a maior probabilidade de uma missiva se avizinhar a uma possível verdade, haja vista uma menor possibilidade de racionalização e deformação dos fatos vividos pelo missivista. Além disso, há a presença do destinatário, uma espécie de figura sacerdotal e testemunhal a ouvir atentamente as confissões do remetente na prática do sacramento redigido e envelopado.

Por outro lado, às vezes, também há intelectuais de sumo porte que simplesmente não atribuem valor substancial aos seus documentos epistolares e têm grande desapego e inclusive desprezo em relação aos mesmos. Machado de Assis, por exemplo, não era um entusiasta em relação às suas missivas. Em carta de 21 de abril de 1908, o autor de *Dom*

*Casmurro* revela a José Veríssimo que não via nas cartas “nada de interessante, salvo as considerações pessoais que conservarem para alguns”. Helen Caldwell vê na atitude do escritor outra conotação, uma tentativa deliberada de resguardo de possíveis análises literárias calcadas no estudo psicologizante e refratário de sua biografia em relação às suas obras. Assim, Caldwell observa que

Machado de Assis reteve deliberadamente os fatos de sua vida privada, pois aparentemente sentia que tais fatos não tinham nada que ver com sua vida espiritual e que o conhecimento deles traria somente empecilhos à apreciação de suas obras. (CALDWELL, 2002, p. 12)

José Veríssimo, um dos muitos interlocutores com os quais Machado manteve correspondência, revela atitude conscienciosa e velada em relação às cartas do amigo, bem como atribui aos documentos um estatuto de interesse maior, tanto literário quanto documental da época. Com essas certezas Veríssimo insinua ao Bruxo do Cosme Velho, em carta de 24 de abril de 1908:

[...] eu me não arrependo de lhe haver sugerido, n’um d’esses momentos de expansão da nossa amizade, a necessidade de providenciar sobre o seu espólio literário, dizendo-lhe com toda franqueza e sinceridade o muito que interessaria às nossas letras a publicação da sua correspondência, a julgar pela parte d’ella que Amim coubera receber. [...] A mim, que conheço quanto litterariamente, e ainda como documento psychologico e testemunho do seu tempo, valem as suas cartas, me pesava a idéa de que ellas se viesses a perder para a nossa litteratura e para a nossa alma, às quaes, de facto, pertencem. (ASSIS, 1942, p. 230-231)<sup>25</sup>

As considerações de José Veríssimo, bem como sua tentativa de pôr em evidência a importância e a necessidade de preservação da correspondência do amigo, revelam de forma inequívoca a importância do destinatário no que tange, por exemplo, à apreensão do valor de certos documentos, olhar ativo e agudo que muitas vezes escapa ao remetente.

As palavras escritas em uma missiva, cujos remetente e destinatário estão mortos antes de preservar um “silêncio divino” – como observa Antonio

Ramos Rosa no poema *O olhar de Murilo Mendes* – e relegar ao passado um discurso que seria eminentemente pessoal e, portanto particular, deixa entrever àqueles possíveis destinatários indiretos da carta, deslocados no tempo e no espaço, o fulgor e a pulsação que guardaram essas mesmas palavras, isto é, a vida, não em sentido estrito, mas em sentido lato, horizonte de alcance das mais variadas possibilidades de leitura.

As palavras que, no contexto da escritura da carta, cumprem um determinado papel e uma dada função muito peculiares e de interesse daqueles envolvidos no processo de envio e recebimento dos documentos, em outro contexto, nas mãos e sob o olhar de outros ‘destinatários’ ganham novo estatuto, novos valores, outros significados e claras intenções, por exemplo, de cunho depreciativo.

No âmbito das relações interdisciplinares, uma carta pode manter uma íntima relação com a história, não só da vida de seu autor, mas também com a história de um país, por exemplo. Mais ou menos como um romance moderno cuja apresentação se dá pela via da descontinuidade e do caótico, as cartas são capítulos da vida de um personagem central e, por vezes, de tantos outros periféricos. Como relatos minúsculos da vida, portanto sujeitos a uma espécie de transitoriedade da incoerência, as cartas apresentam aspectos romanescos pela inviabilidade do contínuo, pelo fragmentário e pelo inesperado da vida.

É, contudo, pertinente a observação de que o estudo de determinada correspondência não pressupõe, então, *A verdade*, mas, sim, representa uma forma legítima de realocar e de cotejar discursos e convicções. Não se pode esquecer jamais que uma carta é fundamentalmente uma narração em primeira pessoa, portanto documento passível, por excelência, de dúvidas e incertezas. Ademais, a produção de uma carta pressupõe um “eu” que narra determinados acontecimentos e que o faz de um determinado ponto de vista. Assim, é certo que as condições de verdade bem como as de legitimidade do que vai narrado merecem não só atenção, mas, sobretudo são alvo de questionamento. Nesse sentido, pode-se perceber certa proximidade entre o narrador-missivista e o narrador do romance, por exemplo.

A teoria literária tem demonstrado, via análise do universo romanesco, o quão problemática é a narrativa em primeira pessoa. Afinal, *grosso modo*, trata-se de um tipo de narração em que o autor tenta convencer seu interlocutor sobre determinados assuntos – sejam eles de ordem pessoal ou coletiva. A aparição do “eu” no corpo dos discursos desautoriza a legitimação do que vai narrado, põe em xeque e em dúvida o próprio texto, pois esse tipo de narrador impõe ao leitor o seu depoimento, suas verdades e sua subjetividade.

Estamos cientes de que há uma distância abissal entre o narrador romanesco e o narrador-missivista, pois, se o primeiro é fruto de uma construção imaginativa e fantasiosa de seu autor, estratégia, portanto, de cunho estético em prol de um determinado efeito de sentido na obra, o segundo fala de si mesmo, conta suas aventuras e desventuras, em suma, narra momentos da história de sua vida.

Escolada por uma perspectiva transdisciplinar, a análise de um determinado *corpus* epistolar pode mobilizar não só as reflexões teórico-literárias acerca do narrador em primeira pessoa. A tradição filosófica ocidental também tangencia e reflexiona sobre questão do narrado por meio das noções de confiabilidade e de sinceridade que podem emanar de um determinado ponto de vista.

Em última análise, o discurso epistolar não é uma forma inequívoca de proclamação absoluta dos acontecidos. As cartas são meios de se vislumbrar tanto a vida particular quanto a vida pública de determinadas personagens por um viés talvez menos fantasioso e mais próximo do real.

Segundo Huston “a especificidade da nossa espécie é que ela passa a vida toda representando a sua vida” (Huston, 2008, p. 113). Por meio dessa afirmação da autora, poderíamos propor as seguintes reflexões: em uma carta, o sujeito representa para quem? Para o outro? Para si mesmo? Para a estória ou para a História? Que papel ele representa?

Não podemos esquecer, assim, que cartas, por vezes, guardam, na superfície do discurso aquilo que a *persona* simula não só para os outros, mas também, ou sobretudo, para si mesma. Ainda nas palavras de Nancy

Huston (2008), “nos humanos nenhuma verdade é evidente [...] todas elas são construídas por intermédio das ficções” (p. 30).

## 2 MURILO MENDES ESCREVE A GUILHERMINO CESAR

*As palavras que eu disse  
A onda levou.  
As palavras que eu não disse  
Ficaram.  
Antecipação.* Murilo Mendes

A correspondência do poeta mineiro Murilo Mendes (1901-1975) enviada ao também poeta e jornalista Guilhermino Cesar (1908-1993) diz respeito a um espólio epistolográfico que compreende 13 cartas produzidas e enviadas entre os anos 1928 e 1931. Além da baliza temporal que as cartas apresentam, isto é, a data, há também o eixo espacial que muito nos pode interessar. As duas primeiras cartas foram enviadas do Rio de Janeiro; de Belo Horizonte, uma apenas; o restante da correspondência foi enviada de Pitangui. Essas demarcações espaciais são significativamente importantes, pois refratam o sentido da busca, do trânsito e das várias instabilidades que revelam desse período muito peculiar da vida de Murilo.

Trata-se, pois, de um material de suma importância, não só pelo seu ineditismo, mas também pelo imenso valor biográfico, histórico, social e cultural que alcança. Além disso, há um número considerável de poemas (65), a grande maioria inédita até hoje, remetidos em folhas à parte, juntamente com a correspondência ou mesmo escritos no verso das próprias missivas. Nas folhas de alguns poemas, segue a inscrição “Especial para o Estado de Minas”, um indicativo de que Murilo escrevia poemas exclusivos e destinados especificamente à publicação no jornal no qual Guilhermino Cesar trabalhava. Em seus estudos preliminares<sup>26</sup> a respeito da correspondência

<sup>26</sup> Tania Franco Carvalhal era a detentora dessa parte da correspondência passiva de Guilhermino Cesar. Quando de seu falecimento, em 2006, o material ficou sob minha responsabilidade. O prof. Dr. Luciano Rodolfo trabalhou comigo na pesquisa e o resultado foi sua tese de doutorado.

que ora nos ocupamos, Tania Franco Carvalhal<sup>27</sup> observa que

Murilo Mendes escreveu a Guilhermino Cesar quando este se encontrava em Belo Horizonte, no cargo de Auxiliar de Gabinete de Mário Casassanta, diretor da Imprensa Oficial de Minas Gerais, e torna-se responsável pela página literária do jornal Estado de Minas. (CARVALHAL, 2010, p. 272)

Embora nosso objeto de pesquisa sejam as cartas de Murilo Mendes e, por conseguinte, as referências de várias ordens que o poeta alude nos seus textos, aos poucos se vão desprendendo indiretamente das linhas e das entrelinhas dos manuscritos uma série de elementos de cunho biográfico e bibliográfico de Guilhermino Cesar e outras figuras exponenciais que compunham o cenário modernista brasileiro, não somente carioca, mas também mineiro, paulista etc.

A primeira e a segunda carta de Murilo, respectivamente datadas de 26 de dezembro de 1928 e 19 de junho de 1929, são remetidas do Rio de Janeiro e trazem a referência e a indicação da moradia de Murilo, Praia de Botafogo, 400. Este endereço presente no corpo das duas cartas chama a atenção, pois normalmente o endereço do remetente vem sobrescrito somente no envelope da carta. Trata-se, pois, de um complemento discursivo muito preciso sobre a espacialidade na qual a carta fora produzida. Além disso, tal referencialidade pode ser associada a uma tentativa de transfiguração e reconfiguração do cotidiano de Murilo no espaço poético, isto é, como experiência estética a partir da miudeza diária. Nesse sentido, algumas poesias escritas à época são significativas, como *Idílio unilateral*, por exemplo.

Praia de Botafogo,  
acácias e colunas dóricas falsificadas.  
O meu namoro no ponto mais complicado da praia  
é um pretexto para vir no jornal,  
seção de atropelamentos.  
(MENDES, 1994, p. 100)

27 CARVALHAL, Tania Franco. Lendo Murilo Mendes. Cartas e poemas. In: CAMPOS, Maria do Carmo. *Guilhermino Cesar: memória e horizonte*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010.

Um ponto importante é o caráter antitético que permeia o conjunto dos textos epistolares murilianos e apresenta um painel das instabilidades de toda ordem com as quais o poeta lidava nesta época. Assim, a mecânica pendular, estrutura muito própria a uma personalidade como a de Murilo, cujo primeiro fundamento era pautado pelo movimento e pelas atitudes de desapego e desvinculação, forja um lugar de ir e vir onde coabitam vida e morte, paixão e desilusão, o metafísico e o mundano, a crença e a descrença etc.

Outro aspecto que chama a atenção, nas duas primeiras missivas, é quanto à grafia. Sobretudo na primeira e na segunda carta fica evidente um cuidado extremado no que tange à escrita, aos volteios de cada letra e ao desenho muito apurado do texto como um todo. Levando-se em conta que é, no início da correspondência, que o poeta denota uma maior preocupação com a representação gráfica da própria letra, podemos imaginar que tais aspectos podem indicar a expectativa de Murilo quanto à correspondência que nascia e suas possibilidades, portanto lugar de uma cerimônia consciente, sobretudo porque acontece somente no nascedouro da troca epistolar. Tania Carvalhal<sup>28</sup> (2004) observa que “o estudo da grafia abre uma perspectiva interessante que ainda nos diz sobre as relações de Murilo com a pintura” (p. 13). Em outro estudo, a autora aborda novamente a questão e indica outras possibilidades.

Dir-se-ia que Murilo “desenha” a sua escrita, variando seu traçado de peça a peça, como varia também sua assinatura, como se desejasse, por vezes, ocultar-se sob escrita alheia, sem se deixar identificar. Ou, talvez, essa variação corresponda à multiplicidade de formas de ser que se querem expressar por letras diversas. (CARVALHAL, 2010, p. 279)

Como se pode depreender da leitura das cartas de Murilo e das considerações de Tania Carvalhal, a grafia dos documentos caracteriza-se pela modificação constante. Às vezes, fica a impressão de que se trata da letra de outra pessoa e não da escrita de Murilo, tamanha é a diferença existente entre os símbolos presentes nas cartas. Essa variação da grafia pode

28 CARVALHAL, Tania Franco. A intermediação das cartas: Murilo Mendes escreve a Guilhermino Cesar. In: PEREIRA, Maria Luiza Sher (org). *Imaginação de uma biografia literária: os acervos de Murilo Mendes*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2004.

ser sugestiva no que tange a uma reflexão a respeito da maior ou menor importância conferida ao documento pelo próprio poeta. Há cartas que parecem realmente obedecer a uma ritualização cuidada e a uma liturgia velada, inclusive com o esmero da representação dos caracteres. Outras, porém, parecem ter sido produzidas sem quase nenhuma preocupação estética, próximas mesmo dos moldes de uma lista de compras ou de um bilhete despretensioso somente. Nesse sentido, podemos pensar de maneira bastante ampliada a partir das considerações que Erasmo faz sobre as epístolas, quando observa que “a carta se adaptará aos momentos e às pessoas, tomando um tom diferente segundo o seu destinatário” (TIN, 2005, p. 55). Assim, não só em nível contêudístico, mas também em nível “artesanal”, as missivas receberiam do remetente atenção diversa de acordo com os interesses e o contexto de sua produção.

Da primeira carta de Murilo é possível esmiuçar alguns pontos importantes que se desprendem do discurso amistoso. Segundo Murilo,

chegando de Petrópolis onde fui passar alguns dias encontro na minha mesa o livro de vocês<sup>29</sup>. Lhes agradeço a boa lembrança \_\_\_ li o livro com toda atenção e achei que a gente deve esperar muito de vocês \_\_\_ Sinto não ter autoridade (aparente) pra lhes dizer algumas coisa \_\_\_ talvez mais tarde \_\_\_ em todo o caso. Acho que o problema brasileiro, integra-se no universal \_\_\_ essa é a grande tendência que anda agora no ar.

Embora estivesse afastado do epicentro do modernismo mineiro e do grupo dos “verdes”, Murilo era lembrado por Guilhermino, não só como uma voz de apreciação crítica, mas talvez também como um elo de apoio e de propagação das ideias que se avolumavam então em Minas. Naquele contexto de ebulição criativa, da busca por um espaço significativo e definitivo de fixação dos ideais antipassadistas e em última análise de transformação social, se estabelece uma espécie de quiproquó que visava não somente

ao individual, mas, sobretudo ao coletivo. Nesse sentido, talvez possamos dizer que, ainda que de forma indireta ou discreta, Murilo Mendes deu sua contribuição e fez parte da história do modernismo mineiro, mais especificamente do grupo de jovens que acompanhava Guilhermino Cesar no final dos anos 20. Sobre essa questão, Joaquim Branco<sup>30</sup> informa:

Animados com o contato e o apoio de Mário e Oswald de Andrade, vindo de São Paulo, de Carlos Drummond de Andrade, de Belo Horizonte, e de outros modernistas do Rio de Janeiro, os nove componentes da revista Verde, que começou a circular em setembro de 1927, abraçaram a causa, mas não sem oposição local que manifestou por meio de editoriais da imprensa oficial local, que não pouparam críticas aos “verdes” e ao Modernismo. (BRANCO, 2010, p. 133)

Nessa primeira carta de Murilo, ainda se pode observar que, a despeito do discurso autoprotetor e ambíguo<sup>31</sup> do poeta, marcado pela sentença – “Sinto não ter autoridade<sup>32</sup> (aparente)” – e ressalvado pelo adjetivo posto entre parênteses, fica muito clara uma atitude praticada em sua correspondência quanto à análise crítica do material que lhe era enviado. Além de incitar Guilhermino a produzir e a continuar o trabalho intelectual, Murilo opina e indica os possíveis caminhos que o amigo poderia seguir. Guardadas as devidas proporções, a atitude de Murilo sugere algo muito semelhante, por exemplo, ao viés crítico, incentivador e doutrinário presente nas cartas de Mário de Andrade em relação aos moços mineiros, os quais lhe enviavam poesias, contos etc. para análise. Sobre a questão, Tania Franco Carvalhal observa que:

[...] ao fazer seu comentário crítico aos dois poetas de Cataguases, Murilo adota uma postura discreta com relação a si próprio [...]. Embora seis anos mais velho que Guilhermino não se sente “autorizado” a orientar [...] e reconhece que ai-

29 *Meia-pataca*. Segundo Beatriz Weigert: “Representativo da valorização de um espaço, o livro (*Meia-pataca*) compõe-se de 28 poemas: 13 de Francisco Inácio Peixoto e 15 de Guilhermino Cesar. São poemas pautados pelo Modernismo, com a liberdade do verso e a disposição gráfica, bem como o apelo à oralidade e aos temas do cotidiano. O localismo exalta-se na pintura de quadros pitorescos e de retratos humanos, muitas vezes, avivando o sentimento de solidariedade e a consciência da disparidade social. É possível ver esses poemas como guia turístico de apresentação das peculiaridades da terra”. (WEIGERT, Beatriz. *Percursos poéticos de Guilhermino Cesar*. In CAMPOS, Mario do Carmo. *Guilhermino Cesar: memória e horizonte*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010).

30 BRANCO, Joaquim. À cata dos ases da revista Verde. In. CAMPOS, Maria do Carmo. *Guilhermino Cesar: memória e horizonte*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

31 Este tipo de discurso muda radicalmente a partir da publicação do livro *Poemas* (1930) e com o prêmio de poesia da Fundação Graça Aranha.

32 Murilo Mendes usa uma retórica algo parecida em crônica datada de 9 de outubro de 1920 publicada na seção *Chronica Mundana* do jornal *A tarde* de Juiz de Fora: “Eu sinceramente admiro o valor e o talento dos moços que compõem a orquestra do “Paz”; apesar de conhecê-los ligeiramente, sempre tive por eles melhores simpatias. Ainda há poucos dias, tive ocasião de elogiar, posto sem autoridade, na “Crônica Mundana” d’ “A Tarde”, o talento do Sr. Fego Camargo. (Silva, 2004, p. 153-4)

nda está em formação. No entanto, não se exime de elogiar e de estimular os amigos. É certamente o livro de 30 que lhe dará a segurança de autor publicado, difundido e comentado. (CARVALHAL, 2010, p. 277)

Chame-se a atenção para o fato de que essa imaturidade ou falta de segurança crítica que Murilo referencia na sua carta a “autoridade (apar-ente)”, não deixa de ser também um traço muito característico dos próprios *verdes*. Aliás, a própria nomeação da revista e do movimento de Cataguases remete a essa conotação. Segundo Guilhermino Cesar<sup>33</sup>, tratava-se de

um pioneirismo ingênuo, é verdade. Mas essa ingenuidade atitude que tomávamos explica a imaturidade que está traduzida no título de nossa revista: Verde. Ela se chamou assim porque nós desde o princípio percebemos que em Cataguases não atingiríamos suficiente maturidade para atingir níveis mais altos. Verde: ingênuo, jovem, na intenção, na mocidade, no entusiasmo. (BRANCO, 2010, p. 145)

É bom lembrar que, na época da correspondência entre Murilo Mendes e Guilhermino Cesar, este contava apenas vinte anos e aquele vinte e sete, portanto Murilo já dispunha de uma maior experiência literária, embora permanecendo nos bastidores do modernismo, servindo, por assim dizer, como uma espécie de “autoridade” para os jovens que se aventuravam no mundo das artes e das letras brasileiras. Não obstante a crítica polida e despretensiosa de Murilo, o que se tem, em suma, é uma correspondência entre amigos que visavam à propagação e à distribuição de seus escritos.

Uma das grandes questões tratadas nessa primeira carta de Murilo aparece no trecho no qual o poeta afirma: “Acho que o problema brasileiro, integra-se no universal essa é a grande tendência que anda agora no ar”. Veja-se que há uma estreitíssima afinação entre o discurso propagado na carta e as ideias que Mário de Andrade<sup>34</sup> e os modernos de uma manei-

33 BRANCO, Joaquim. Joaquim Branco entrevista Guilhermino Cesar. In: Campos, Maria do Carmo. *Guilhermino Cesar: memória e horizonte*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

34 Em carta de 18 de fevereiro de 1925, ao fazer algumas ressalvas quanto à poesia de Drummond, Mário de Andrade observa que: “Foi uma ignomínia a substituição do *na* estação por *à* estação só porque em Portugal paisinho desimportante pra nós diz assim. Repare que eu digo que Portugal *diz* assim e não escreve só. Em Portugal tem uma gente corajosa que em vez de ir assuntar como é que *dizia* na Roma latina e materna, fez uma gramática pelo que se *falava* em Portugal mesmo. Mas no Brasil o Sr. Carlos Drummond diz “cheguei em casa” “fui na farmácia” “vou no cinema” e quando escreve veste um fraque debruado de galego, telefona pra Lisboa e pergunta pro ilustre Figueiredo: - Como é que se está dizendo agora no Chiado: é “chega na estação” ou “chega à estação”? E escreve

ra geral propunham como essenciais para discussão efetiva no contexto modernista. Pode-se perceber que a proposição de Murilo está em perfeita consonância com um projeto amplo que visava à transposição dos limites eminentemente estéticos, refratários de uma problemática maior em nível político-social de exclusão, marginalidade e afonia brasileiras. Segundo Carvalho (2010), “com efeito ‘andava no ar’ a questão de ‘ser universal sendo brasileiro’ e de como o elemento nacional deveria ser objeto de afirmação” (p. 276). De certa forma, a afirmação do autor de *Poemas* encontra respaldo quando Guilhermino Cesar afirma muito *a posteriori* em entrevista a Joaquim Branco:

Tudo nas páginas daquela publicação “municipal” quis exprimir um não peremptório à literatura despaisada que nos afligia. [...] Havia um grupo de rapazes braseados pela poesia e pela ficção de vanguarda, e todos fomos atingidos em cheio pela pregação modernista de São Paulo, de Belo Horizonte que chegava até o rio Pomba [...]. Alceu Amoroso Lima no *O Jornal*, Agripino Grieco na *Gazeta de Notícias*, João Ribeiro no *Jornal do Brasil*, Mário de Andrade nas cartas que nos escrevia, Drummond no apoio que nos deu, foram coniventes conosco nessa aventura. De resto, o que nós fizemos foi desacreditar, com a nossa autossuficiência de jovens, o movimento parnasiano que foi o “bode-expiatório” sobre o qual nos lançamos todos. E a revista *Verde*, que surgiu em 1927, quis ser “universal” dentro de uma mineiridade brasileiríssima. Vocês estão vendo que é um equilíbrio muito difícil de atingir-se – universal dentro da mineiridade – mas foi, em resumo, o grande alvo a que nos fizemos tender. (BRANCO, 2010, p. 145-146)

Ainda sobre a primeira carta de Murilo a Guilhermino, pode-se perceber certa tonalidade formal marcada pela ausência de vocativos efusivos e íntimos que normalmente acompanham o introito das cartas entre amigos. Veja-se que o poeta é simples e direto ao escrever somente “Ao Guilhermino Cesar e ao Fco Peixoto” índices modais que podem indicar respeitabilidade, afastamento ou mesmo a incipiência da própria amizade. Outro indicativo que pode corroborar nossas expectativas diz respeito à despedida presente na mensagem ora analisada. Murilo subscreve seu nome

o que o Sr. Figueiredo manda. E assim o Brasil progride com Constituição anglo-estadunidense, língua franco-lusa e outras alavancas fecundas e legítimas”. (ANDRADE, 1982, p. 22-23)

(artístico) completo e não a forma minorada ou ainda apocopada que corriqueiramente revela a tonalidade familiar entre interlocutores próximos; mais, o poeta sugere apenas um “Aperto de mão”, explicitando talvez o distanciamento ou mesmo a prudência polida no início da troca epistolar.

No que concerne ao conteúdo das cartas enviadas a Guilhermino Cesar, pode-se afirmar que há dois eixos fundamentais que perpassam as missivas de Murilo como um todo. O primeiro diz respeito à vida particular do poeta e a seu cotidiano, seja no Rio de Janeiro, seja em Pitangui<sup>35</sup>; o segundo põe em relevo a intensa atividade poética de Murilo, bem como salienta a necessidade insistente do poeta em ver seus poemas publicados em jornal.

Sobre a estrutura das cartas, pode-se dizer que Murilo Mendes segue uma forma mais ou menos tradicional de escrita do epistolar, caracterizada pelo cumprimento inicial, isto é, pela saudação, que “é uma expressão de cortesia que transmite um sentimento amistoso compatível com a ordem social das pessoas envolvidas” (TIN, 2005, p. 84), seguido da mensagem propriamente dita no corpo do documento, momento em “que se realiza o ‘encontro’ entre remetente e destinatário (idem, p. 23) e por fim o remate e a despedida. A *conclusio* “que é a passagem pela qual uma carta é terminada” (idem, p. 41) ou remate das cartas de Murilo é um momento que chama a atenção pelos reiterados pedidos de recomeço do processo epistolar, isto é, pela manutenção e constância da troca de correspondência. A título de exemplo, vejam-se as missivas de 26 de dezembro de 1928: “Me mandem outros poemas\_\_\_me interesse pela evolução de vocês”; de 19 de junho de 1929: “Me mande seus poemas novos”; e de 19 de fevereiro de 1931: “E você, o que tem feito?” De uma maneira geral a conclusão aponta, via de regra, para uma função muito pragmática do discurso, a saber, o reinício do ciclo. Afirma Emerson Tin:

María Martín aponta como características da conclusão a reiteração da motivação principal da carta, a concentração do elemento prescritivo e o interesse em

assegurar o futuro contato com o destinatário. E, se a “abertura” do corpo estabelece o contato entre remetente e destinatário e o “setor central” representa o “encontro” como substituto da comunicação oral, a “conclusão” finaliza esse contato e permite, mediante seus elementos, que este se realize novamente. (TIN, 2005, p. 23)

A data das cartas de Murilo varia de posição, fixada ora no início ora no final dos textos. A assinatura do poeta também não segue um padrão, oscilando entre “Murilo Mendes”, “Murilo M.,” “Murilo” ou simplesmente “M.M”. Aliás, a questão da variabilidade das assinaturas de Murilo presente nas cartas enviadas a Guilhermino Cesar pode ser indicativo de uma problemática maior, isto é, o tema da alteridade. Onipresente ao longo de toda sua trajetória poética, a questão da alteridade para Murilo Mendes, segundo as palavras do próprio autor, explicita de forma muito clara, não só a personalidade multifacetada do poeta, mas também justifica, em grande medida, a sua impossibilidade de seguir determinados modismos e manifestos. Na sua primeira carta endereçada a Guilhermino Cesar, além de fazer uma alusão à sua intensa atividade poética, Murilo Mendes já referencia o problema da alteridade justificando, dessa forma, sua atitude marginal e consciente em relação aos programas e manifestos tão em voga na época. Segundo Murilo,

Em retribuição aqui têm vocês alguns dos meus poemas que poucos conhecem\_\_\_escolhidos das dezenas e dezenas que enchem as gavetas\_\_\_não que sejam dos melhores\_\_\_mas porque são os únicos de que tenho cópia\_\_\_tudo quanto escrevo é terrivelmente impessoal\_\_\_nunca me fixei até agora\_\_\_nem quero\_\_\_não sou um omem\_\_\_sou dezenas deles. (26 de dezembro de 1928)<sup>36</sup>

Talvez seja justamente por conta do problema da alteridade que Murilo Mendes afirma em sua *Microdefinição do autor*, de 14 de fevereiro de 1970, que “dentro de mim discutem um mineiro, um grego, um hebreu, um

35 Está situada a aproximadamente 130 Km de Belo Horizonte em direção ao Oeste do estado de Minas.

36 O ano de 1928 é importante porque “publicam-se, em Cataguases, *Poemas cronológicos*, de Enrique de Resende, Ascânio Lopes e Rosário Fusco, e *Meia Pataca* de Guilhermino Cesar e Francisco Inácio Peixoto”. ÁVILA, Affonso. (Coord. e org.) *O Modernismo*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.



indiano, um cristão péssimo, relaxado, um socialista amador” (MENDES, 1994, p. 45).

A impossibilidade de acesso<sup>37</sup> ou até mesmo a inexistência do *corpus* epistolar ativo de Guilhermino Cesar para Murilo Mendes enseja a necessidade do cotejo interno entre as cartas do próprio Murilo, em uma espécie de jogo de espelhos, a partir do qual os documentos existentes lançam luzes uns sobre os outros. Dessa forma, percebemos que houve uma troca efetiva, não só de ordem eminentemente epistolar, mas de material de outros tipos que acompanhavam a correspondência de Murilo para Guilhermino e vice-versa. Na análise do material, fica evidente que além das cartas houve, por exemplo, a permuta de poemas, o envio de revistas, livros, artigos e a produção de crítica literária. Essa troca de material fica muito clara, aliás, nas duas primeiras missivas do espólio de Murilo com o qual trabalhamos neste estudo.

Na primeira carta enviada a Guilhermino Cesar, datada de 26 de dezembro de 1928, Murilo informa:

Ao Guilhermino Cesar e ao Fco Peixoto

Chegando de Petrópolis onde fui passar alguns dias encontro na minha mesa o livro de vocês. Lhes agradeço a boa lembrança\_\_\_li o livro com toda atenção e achei que a gente deve esperar muito de vocês\_\_\_Sinto não ter autoridade (aparente) pra lhes dizer alguma coisa\_\_\_talvez mais tarde\_\_\_em todo o caso. Acho que o problema brasileiro, integra-se no universal\_\_\_essa é a grande tendência que anda agora no ar.

Nessa primeira carta de Murilo, fica muito claro o desejo de Guilhermino Cesar. O poeta e jornalista de Cataguases buscava a divulgação de seu livro, mas também a opinião e a crítica acerca de seu trabalho, por isso enviara a obra a Murilo. Pode-se perceber, também, que a carta de Murilo Mendes fora enviada a dois interlocutores, isto é, Guilhermino Cesar e Francisco Inácio Peixoto, e não a um destinatário apenas, coisa que normalmente

37 Há a possibilidade de acesso à correspondência passiva de Murilo Mendes no Museu de Arte Moderna Murilo Mendes, Juiz de Fora – Brasil.

acontece na correspondência particular entre amigos. Levando-se em conta a data da carta de Murilo, bem como a alusão ao livro recebido e aos autores do mesmo, fica evidente um momento importante de produção literária no cenário mineiro interiorano. Ademais, o trecho da missiva revela a parceria de Guilhermino e Francisco Inácio Peixoto na produção e na publicação do livro “Meia Pataca” em 1928. O próprio Guilhermino fala sobre a sua amizade e a sociedade com Francisco Inácio Peixoto na crônica publicada no jornal *Correio do Povo*, em 31 de março de 1979. Vejamos o texto:

Conheço-o há muito, quero dizer, desde sempre, pois junto dele cavouquei penosamente os “preparatórios”. Lemos o mesmo Racine, traduzimos o mesmo La Fontaine e o mesmíssimo Chateaubriand, fizemos composições escritas, deslavadamente sentimentais, sobre um passeio no campo, uma fazenda ao luar, uma procissão, um dia de chuva na cidade – coisas do gênero fastidioso, apropriadas no entanto à prática da sintaxe num tempo em que havia tal coisa no aprendizado do Português. E mais tarde, quando o buço nos chegou, tivemos a audácia de publicar em parceria, os poemas de Meia Pataca, dizem que modernistas, em uma cidadezinha em que o soneto era uma hortaliça repolhudamente cultivada – com o adubo da rima rica e a consoante de apoio. (CESAR, 2008, p. 171)

Um aspecto importante que observamos quando da leitura das cartas de Murilo enviadas a Guilhermino é o que tange à sua intermitência, pois há vários interregnos entre uma missiva e outra, ora maiores ora menores. Nas próprias cartas, Murilo refere os indícios do porquê desses intervalos entre as correspondências, seja pela sua atividade laboral, pelas suas relações afetivas ou mesmo pelo seu envolvimento com a publicação de seus poemas. Murilo também justifica pela lógica do trabalho intenso a falta de respostas de Guilhermino em relação aos pedidos de suas cartas. Em carta datada de 1º de fevereiro de 1931, por exemplo, além de dar notícia da publicação de seu novo livro, o poeta lembra ao amigo:

Meu novo livro de poemas (sic) deve entrar no forno por estes dias<sup>38</sup>. Parabéns ao editor (o pagamento é adiantado) e pêsames ao meu pai (quem desembolsa). Você não esqueceu a prometida notícia. Compreendo. A intensa vida do jornalista.

38 Trata-se do livro *Deus no volante*, obra nunca publicada pelo autor.

Sobre os intervalos entre as cartas podemos perceber que a primeira é datada de 26 de dezembro de 1928, enquanto que a segunda recebe data de 19 de junho de 1929, isto é, há um espaço de mais ou menos seis meses entre uma missiva e a outra. Na segunda carta, Murilo Mendes faz uma espécie de *mea culpa* quanto à sua falta para com Guilhermino, ou seja, o envio de correspondência e conseqüentemente das suas colaborações para o jornal. O poeta desabafa ao interlocutor aludindo a um dos eixos primordiais do essencialismo, isto é, o tempo. Novamente percebemos que há a indicação de recebimento do material enviado por Guilhermino e também uma rápida análise crítica acerca da revista recebida:

Guilhermino Cesar,  
Estou terrivelmente em falta com você. Pode crer que não tenho tempo pra nada. É um inferno. Recebi o leite Criôlo<sup>39</sup>. Acho que é uma tentativa digna de todas as palmas, mas me parece que vocês deviam dar uma feição mais pessoal à revista<sup>40</sup>. Sem querer sente-se a Antropofagia ali.

Veja-se que, se levarmos em conta a data da publicação do primeiro número do jornal *Leite Criôlo* – 13 de maio de 1929 – e a data da carta de Murilo – 19 de junho de 1929 –, podemos concluir que Guilhermino “distribuí” o jornal com certa rapidez e via em Murilo uma personalidade que poderia avaliar e propagar as ideias que se veiculavam então na revista.

Outro ponto importante é a alusão que o autor de *Tempo e eternidade* faz à *Revista de antropofagia*, publicada em São Paulo, em 1º de maio de 1928. Murilo entende que há uma semelhança ou ainda um parentesco entre a *Revista* e o jornal de Guilhermino e aconselha o amigo a dar certa particularização ao seu empreendimento. De maneira muito esclarecida, Murilo percebe os ecos do ideário paulista permeando o empreendimento de João Dornas Filho, Guilhermino Cesar e Aquiles Vivacqua. Fernando Correia Dias<sup>41</sup>, em seu ensaio *Gênese e expressão grupal do Modernismo*

em Minas, fala dessa afinidade aludida por Murilo e observa que “a intenção (dos mineiros) era a de oferecer uma réplica africanista ao movimento antropofágico nascido em São Paulo” (Dias, 2013, p. 167). Por outro lado, na mesma carta, o poeta vai afirmar que “Não acho que se deva rejeitar influências (nem se pode)\_\_\_mas que se deve ajuntar várias experiências pra formar uma cultura ou ensaiar qualquer reforma”, isto é, conquanto não se deva abrir mão de uma identidade própria da obra, são importantes as influências para que se possa pensar além ou em algo maior. É de importante relevância o trecho seguinte da mesma carta no qual o poeta afirmará “De qualquer maneira vocês são batutas e têm que realizar qualquer coisa de forte no ambiente brasileiro que está muito dissolvido”.

Especificamente, o que se pode entender como formação de uma cultura e ensaio de uma reforma? Ou ainda: a que alude o poeta ao falar em ambiente brasileiro dissolvido? À primeira impressão, haja vista nosso distanciamento dos longínquos anos 20 e de seu contexto mais específico, a afirmação de Murilo pode parecer um tanto quanto despreziosa e vaga. No entanto, a leitura dos documentos e manifestos da época indica que o discurso muriliano estava em perfeita simetria com as ideias propagadas pelos modernos mineiros. Nesse sentido, segundo Fernando Correia Dias, podemos pensar em duas formas primordiais por meio das quais se difundiam os ideais dos jovens mineiros: as realizações pessoais, por exemplo, a publicação de *Alguma poesia* de Drummond; e as manifestações grupais das quais avultam *A Revista* (1925), *Verde* (1927) e *Leite Criôlo* (1929). Essas manifestações de grupo eram orientadas por uma espécie de fio condutor que explicitava o pensamento e as expectativas daqueles jovens artistas mineiros.

Dessa forma, as proposições presentes na missiva de Murilo encontram reverberação em pelo menos dois pilares do ideário mineiro – “A tradição repensada” e “A conciliação de lealdades”, de acordo com a perspectiva de Fernando Dias. No que tange à tradição repensada, isto é, a importância das influências e das experiências para os escritores, Dias observa:

39 De acordo com Marlon Mello de Almeida: “Em 1929, em Belo Horizonte, ajuda a fundar o tabloide *leite Criôlo*, que se transforma em uma espécie de página cultural do jornal Estado de Minas [...]”. (ALMEIDA, 2008, p. 13)

40 Opinião; desejo de singularidade; discurso coerente com a própria ‘ideologia’ ou postura do próprio poeta.

41 DIAS, Fernando Correia. Gênese e expressão grupal do Modernismo em Minas. In: ÁVILA, Affonso. (Coord. e org.) *O Modernismo*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

A tradição repensada me parece definidora nota fundamental do Modernismo em Minas. Não se trata de romper com todo o passado intelectual da região, mas, ao contrário, de valorizá-lo de forma crítica. [...] A consciência da importância da tradição autêntica mineira de nenhum modo inibiu o ímpeto inovador dos modernistas mineiros. [...] O empenho de renovação constitui, portanto, outro traço saliente do ideário (mineiro). (DIAS, 2013, p. 171-172)

Assim, repensar a tradição e, portanto, dialogar com ela sem necessariamente negá-la, bem como a prática da conciliação são premissas que de uma maneira geral permearam a obra de Murilo do início ao fim. Interessante notar que, mesmo afastado do ambiente mineiro em ebulição, Murilo dispunha de uma afinação clara em relação às premissas modernas de seus conterrâneos.

## PALAVRAS FINAIS

Uma proposição que vise à anatomia de um ou de vários *corpora* epistolares tem grande similitude com os estudos médicos e, antes de ser tão somente uma forma retórica de aproveitamento do termo no âmbito do simbólico, propõe efetivamente o ato de dissecar e de separar as partes constitutivas da carta enquanto “corpo” uno e completo. Pode-se afirmar, com certeza, que a mensagem enviada, o texto epistolar propriamente dito, é o grande foco de análise e de atenção. No entanto, outros dados, tanto internos quanto externos ao epistolar, são de grande importância para uma analítica mais produtiva.

A apreciação de um conjunto de cartas pressupõe não só a leitura do conteúdo propriamente dito, o “o quê” que Andrée Crabée Rocha qualificou como “recheio e motivação do texto”, mas evidencia a necessidade de se observar uma série de elementos estruturais que orbitam em torno do discurso epistolar e que também são plenos de sentido. De acordo com a autora esses “outros elementos (lugar, data, destinatário e assinatura) só aparentemente são exteriores e secundários”. (Rocha, 1965, p. 14)

Via de regra, todo epistológrafo segue um protocolo básico de con-

fecção de suas missivas, mais ou menos ordenado por uma sistematicidade e uma organicidade que conferem ao epistolar uma caracterização muito própria e particular. Diferentemente de outros gêneros textuais, a carta quase sempre recebe uma moldura, um enquadramento delimitado por uma série de traços estampados nas periferias do próprio documento. Essa moldura estabelece uma íntima relação composicional com aquilo que vai dito na carta e amplia, sobremaneira, as possibilidades semânticas e informacionais do documento, sobretudo quando de uma análise póstera.

Como é possível constatar, o trabalho arqueológico que um estudo sobre o epistolar demanda não pode se furtar ao alinhave e à costura do maior número possível de fios presentes no texto, sob pena de que informações preciosas e de grande relevância se percam ou simplesmente sejam negligenciadas, comprometendo, pois, o fenômeno de apreciação do texto em toda a sua visibilidade.

A apresentação das duas cartas aqui analisadas comprova que o estudo de toda correspondência ativa de Murilo Mendes para Guilhermino Cesar, além da importância como documento de época e de fonte inesgotável de informações, é de relevância monumental não só pelo muito que agrega à biografia do poeta das metamorfoses e ainda ao próprio modernismo brasileiro; é também uma fonte profícua de pesquisa no que diz respeito à vida de figuras exponenciais da literatura e da cultura brasileira da época tais como o próprio Guilhermino Cesar, Francisco Inácio Peixoto, Rosário Fusco, Tristão de Ataíde, Mário de Andrade, entre outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

ASSIS, Machado. *Correspondência*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson INC. editores, 1942.

ÁVILA, Affonso. (Coord. e org.) *O Modernismo*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CALDWELL, Helen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CAMPOS, Maria do Carmo. *Guilhermino Cesar: memória e horizonte*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010.

CESAR, Guilhermino. *Caderno de sábado: páginas escolhidas* (org. Maria do Carmo Campos). Caxias do Sul: Educs, 2008.

GOMES, Ângela de Castro (Org.) *Escrita de si, Escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HUSTON, Nancy. *A espécie fabuladora: um breve estudo sobre a humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

KIEFER, Charles. *Mercúrio veste amarelo: a poética nas cartas de Mário de Andrade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

PEREIRA, Maria Luiza Sher (org). *Imaginação de uma biografia literária: os acervos de Murilo Mendes*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2004.

ROCHA, Andréa Crabbé. *A epistolografia em Portugal*. Coimbra: Livraria Almedina, 1965.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. *Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo: Annablume, 1998.

TIN, Emerson. *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lípsio*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.